

LANÇAMENTO DO LIVRO “ATAS 1ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL: A produção do conhecimento científico em Timor-Leste”, na UNTL

Quinta-feira, 14 de agosto, no auditório da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades, Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), aconteceu o lançamento do livro *Atas 1ª Conferência Internacional “A produção do conhecimento Científico em Timor-Leste”*, coordenado pelo vice-reitor Francisco Martins e o professor da universidade Vicente Paulino. Esse editorial reúne pesquisas apresentadas na 1ª Conferência Internacional, realizada entre os dias 13 e 15 de agosto de 2014, nessa mesma faculdade, sob organização do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa e coordenação da Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento da UNTL. Essa conferência contou com a participação de alunos, professores, pesquisadores nacionais e internacionais.

A cerimônia de lançamento do livro teve início com uma mesa composta pelos coordenadores do livro e por dois dos colaboradores, a professora da Cooperação Brasileira (PQLP/CAPES) Mariene Queiroga e o professor português José Pinto Castilho. O público reunia estudantes, pesquisadores nacionais e internacionais, membros do Ministério da Educação e docentes dessa faculdade e de outros polos acadêmicos.

Na fala de abertura, o recém-eleito reitor da UNTL, Francisco Martins, lembrou a importância

de se estabelecer uma relação construtiva e criativa entre o conhecimento e a ciência e os acadêmicos de diferentes centros de investigação, para o intercâmbio de experiências. Em clima de descontração, ao mencionar o período em que realizou seu doutorado no Brasil, na UFBA, disse se considerar “quase brasileiro” pelas afinidades culturais, científicas e relações de amizade construídas, no âmbito pessoal e profissional.

Além disso, ressaltou o “conhecimento científico como fundamento para o desenvolvimento” e endossou o compromisso institucional na promoção de espaços para diálogo, difusão e divulgação do conhecimento tanto nos centros de pesquisa de Timor-Leste quanto fora do país.

A professora do PQLP/CAPES fez considerações a respeito dos trabalhos que a Cooperação Brasileira tem desenvolvido ao longo dos anos de

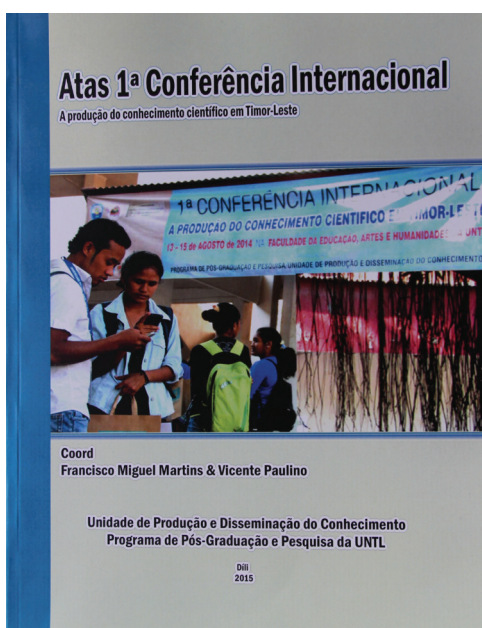
parceria com a UNTL, tanto em atividades de codocência, extensão e pesquisa, quanto no apoio para a organização de eventos científicos, a saber, o Simpósio anual de Educação: língua, ciência e tecnologia no Timor-Leste, que teve sua segunda

edição em abril desse ano. Em amistosa conversa, foi declarada ainda a disposição para a continuação da parceria para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

Com temáticas sobre Timor-Leste, o livro é composto por cinco partes e apresenta trabalhos de pesquisadores timorenses, brasileiros e portugueses, em língua portuguesa e língua inglesa, nas áreas de história, antropologia, língua e literatura, arte, cultura, comunicação, ciências naturais, ciências sociais e políticas, assim como agricultura e economia. Cerca de 26 professores e pesquisadores brasileiros tiveram seus trabalhos publicados nesse livro. A obra chama a atenção pela diversidade de temáticas que contemplam diferentes áreas do conhecimento, em preciosa compilação de pesquisa e fonte de informação. O livro já possui a versão digital e o exemplar impresso pode ser adquirido com os organizadores. Os interessados em adquirir um exemplar poderão contatar o professor Vicente Paulino através do endereço eletrônico vicentepaulino123@gmail.com.

É visível a ascensão e autonomização da produção científica e bibliográfica da Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento da UNTL. Crescem os espaços de investigação e interlocução, assim como o potencial criador de pesquisadores locais. Certamente essa é a primeira publicação de um evento como a Conferência Internacional de muitas que estão por vir.

Mariene Queiroga
Mestre em Literatura e Interculturalidade
email: marienequeiroga@hotmail.com



Colonização e Língua Portuguesa em Timor -Leste

A inquietação relativa à apropriação da língua portuguesa por parte dos timorenses tem sido objeto de estudos, debates e ações políticas, sobretudo a partir de 2002, momento em que se consolidaram como línguas oficiais dessa nação os idiomas tétum e português e, conseqüentemente, línguas de instrução.

Simultaneamente à admirável capacidade cognitiva dos timorenses no que diz respeito ao aprendizado de diferentes línguas, permanecem questões como: “Quais decisivos fatores influenciaram para que, após quatro séculos e meio de colonização, na década de 1970, no máximo 15% da população pudesse comunicar-se em língua portuguesa?”; “Em que línguas são ministrados o ensino e a aprendizagem nas salas de aulas do ensino básico até o universitário?”; “Como e por que se configuram os ambientes linguísticos timorenses?”; “Quais interesses políticos e econômicos são representados nos investimentos nas diferentes aprendizagens e apropriações linguísticas?”

Pesquisas em história apresentam que embora o processo de colonização portuguesa tenha iniciado no século XVI, durante os séculos posteriores, as próprias autoridades portuguesas incentivaram o uso do tétum-praça como língua franca, para negociações e comércio nos diversos pontos do território. Também os religiosos, que realizavam cerimônias em língua portuguesa, aprendiam o tétum e demais línguas para se comunicar com os timorenses. Por outro lado, a escola básica, instrumento fundamental de

difusão das línguas como símbolos dos estados, foi implementada apenas no século XX, com poucos recursos e inacessível à maioria da população.

Entretanto, a língua da metrópole, apoiada por produções discursivas e aparatos legais, especialmente nos últimos séculos de colonização, manteve sua posição hierárquica destacada. Sua fluência consistia como exigência para a ocupação dos quadros na administração da colônia, para a obtenção de bolsas de estudos em países como Portugal, Angola e Moçambique. E, durante certos períodos, também para a caracterização de “assimilado” e seus conseqüentes privilégios. Exemplo disso foi o Acto Colonial de 1930 que, além de fazer objetiva distinção entre os nativos timorenses, reservava aos fluentes em língua portuguesa o direito ao voto nos Conselhos Legislativos locais e Assembleias Nacionais.

O historiador Eric Hobsbawm em seu livro “Nações e Nacionalismos, desde 1780” (1991), define as línguas nacionais como constructos semi-artificiais, instrumentos criados com o intuito de constituir a unidade nacional, utilizados de formas diferentes nas diferentes construções dos estados. Se em alguns contextos o surgimento da língua nacional assassinou os demais e anteriores códigos de comunicação, em outros, situou-os no âmbito da literatura, e, em alguns casos, conviveu com poucas diferenças hierárquicas. Entretanto, em todos os casos, a configuração de constructo demanda estratégia, ação política intencional, investimentos, entre os quais a escolarização básica universal ser

ofertada na língua que se pretende como símbolo de unidade nacional.

Nesse sentido, pode-se inferir que entre os decisivos fatores influentes para que na década de 1970, no máximo 15% da população pudesse comunicar-se em língua portuguesa, interesses políticos na utilização da Língua Portuguesa como instrumento de divisão de classes estivesse presente. Conseqüentemente, o número de professores e profissionais da educação fluentes em língua portuguesa e, em condições de ministrar o ensino nesta língua permanece reduzido.

Atualmente, com a composição internacional das relações de poder na qual Timor-Leste encontra-se envolvido e disputado os ambientes linguísticos diversificados configuram-se importantes e notórios instrumentos de combate. Também os interesses políticos e econômicos são notórios nos respectivos investimentos nas diferentes aprendizagens e apropriações linguísticas.

A história de Timor-Leste, com seus percursos de imposição e sedução por parte das diferentes representatividades linguísticas, permanece no século XXI, em sua constituição de nação independente, com muitas perguntas não respondidas e, especialmente, com um quadro linguístico cujas dificuldades acarretam sofrimento e muito esforço no interior das salas de aulas, desde o ensino básico até o universitário.

Sidneya Gaya
Mestre em Educação (PQLP/CAPES)
email: sidneyamagaly@gmail.com